www.colectivolibertarioevora.wordpress.com * www.facebook.com/ColectivoLibertarioEvora

Nº 6

Abril

2013

Acção Directa

Boletim do Colectivo Libertário de Évora

As últimas palavras dos “Mártires de Chicago” no Tribunal que os condenou à pena de morte

Michael Schwab - Falarei pouco e, seguramente, não descolaria os lábios se o meu silêncio não pudesse ser interpretado como um cobarde consentimento na comédia que se acaba de desenrolar. O que aqui foi julgado foi a anarquia e a anarquia é uma doutrina hostil e oposta à força bruta, ao sistema de produção criminoso e à distribuição injusta da riqueza. Vocês, e só vocês, são os agitadores e os conspiradores.

Adolf Fischer - Só tenho que protestar contra a pena de morte que me impõem porque não cometi crime nenhum… mas se for enforcado por professar as minhas ideias anarquistas, pelo meu amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade, então não vejo inconveniente. Digo-o bem alto: disponham da minha vida.

Albert Parsons - O princípio fundamental da anarquia é a abolição do salário e a substituição do actual sistema industrial e autoritário por um sistema de livre cooperação universal, o único que pode resolver o conflito que se prepara. A sociedade actual só vive através da repressão e nós propomos uma revolução social dos trabalhadores contra este sistema de força. Se vou ser enforcado pelas minhas ideias anarquistas, está bem: matem-me.

Auguste Spies - Honorável juiz, a minha defesa é a sua própria acusação, os meus pretensos crimes é a sua história (…) Pode condenar-me, mas pelo menos que se saiba que no estado de Illinois oito homens foram condenados por não perderem a fé no triunfo final da liberdade e da justiça.

Louis Lingg: - Não, não é por um crime que nos condenam à morte, é pelo que aqui se disse em vários tons: condenam-nos à morte pela anarquia e, já que nos condenam pelos nossos princípios, eu grito bem alto: sou anarquista! Desprezo-vos, desprezo a vossa ordem, as vossas leis, a vossa força, a vossa autoridade. Enforquem-me!

Manifestação anarquista do 1º de Maio, Setúbal, 2011

Por um 1º de Maio de luta e combate !

No próximo Primeiro de Maio muitos anarquistas, mais uma vez, vão sair à rua por todo o país, em manifestações próprias ou juntando-se a manifestações convocadas por outros colectivos ou por outras associações de trabalhadores. Seja como for, este é um dia de luta e de afirmação revolucionária, em homenagem também aos anarquistas mortos em Chicago às mãos do Estado.

Nos últimos anos, Setúbal tem sido o ponto de concentração, neste dia, para muitos libertários e anti-autoritários fazendo da cidade do Sado, no 1º de Maio, um espaço de luta e de combate ao capitalismo.

Também este ano sê-lo-á, por certo. Mas seja onde quer que seja estejamos o importante é manifestarmos a nossa indignação e mostrarmos que é possível outra sociedade mais justa e igualitária.

Págs. 2 e 3

Em Maio, regressa a Feira do Livro Anarquista de Lisboa

Vem aí a 6ª Feira do Livro Anarquista, que terá lugar de 24 a 26 de Maio em Lisboa no Grupo Excursionista e Recreativo “Os Amigos do Minho” (Intendente), com o objectivo, todos os anos renovado, de criar um espaço autónomo, aberto a todos, para a divulgação e o debate das ideias anarquistas.

No programa da feira deste ano, para além da habitual presença de bancas, estão previstos dois debates. Um, sobre a forma, a actuação e as limitações da indústria mediática e as suas possíveis alternativas. Outro, sobre o papel das bibliotecas como espaço privilegiado de encontro, reflexão, debate e partilha.

Pretende-se uma feira que seja incentivadora da edição de livros e outras publicações de temática anarquista e respectiva leitura. Continuamos a pensar que a anarquia é a alternativa à violência do estado, à arrogância do capital, ao “progresso” da técnica e aos estragos do jornalismo subserviente.

Sindicalismo & luta de classes

Os Mártires de Chicago

Os condenados de Haymarket: Louis Lingg, Oscar Neebe, Adolph Fisher, August Spies, Albert Parsons, Michael Schwab, George Engel e Samuel Fielden.
Todos condenados à morte e assassinados pelo Estado a 11 de novembro de 1887, excepto Neebe (15 anos de prisão), Fielden e Schwab (condenados a cadeia perpétua).

O Primeiro de Maio, um dia de luta da classe operária

"Para a frente com valentia! O conflito começou. Um exército de trabalhadores assalariados está sem ocupação. O capitalismo esconde as suas garras de tigre atrás das muralhas da ordem. Operários, que a vossa palavra de ordem seja: Não ao compromisso! Cobardes à retaguarda! Homens à frente!"

Mauricio Basterra *

Com estas palavras preparava August Spies a greve do Primeiro de Maio em Chicago nas páginas do jornal *Arbeiter Zeitung.* Nada fazia supor a Spies que aquela jornada ia ficar, por tudo o que originou, na história do movimento operário. A reivindicação das oito horas de trabalho era o eixo fundamental daquela greve em 1886.

E, de facto, a reivindicação para a diminuição da jornada de trabalho tinha as suas raízes bem fundas nas próprias origens do movimento operário. As longas jornadas de trabalho a que os trabalhadores estavam sujeitos punham como primeiro ponto da agenda reivindicativa a diminuição das horas de trabalho, que em muitos casos atingia as 12-14 horas diárias. Sem nenhum tipo de segurança social e com umas condições de vida miseráveis.

Curiosamente foram os Estados Unidos um dos primeiros países a introduzirem leis de redução da jornada laboral. Em 1840 a administração de Martín van Buren reconheceu a jornada de 10 horas para os empregados do governo e dos construtores navais. Em 1842 Massachusetts e Connecticut reduziram a jornada de trabalho infantil para 10 horas. Por seu lado, o Reino Unido reduziu em 1884 o trabalho infantil a 7 horas e o dos adultos a 10 horas. E assim foi sucedendo em distintos estados norte-americanos e na Europa. Sempre com reformas parciais e em sectores concretos.

Isso fez com que se concluísse que apenas uma acção organizada podia trazer melhorias mais profundas para a classe operária. Em 1864 era fundada em Londres a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e em 1886, no Congresso de Genebra, ficou decidido que as secções integrantes da AIT iriam lutar pelas oito horas de trabalho. Oito horas de trabalho, Oito horas de descanso e Oito horas de lazer. Esse era o lema do movimento operário internacional.

O amplo poder de implantação que a AIT teve e os ecos revolucionários que chegavam da Europa, fez que em 1868 o presidente norte-americano Andrew Johnson aprovasse a Lei Ingersoll, que estabelecia a jornada de oito horas de trabalho para os empregados federais.

Apesar do desaparecimento da AIT o movimento operário continuou a reivindicar melhorias para a classe operária. Numerosas greves se sucedem, por todo o mundo, algumas delas conseguindo grandes vantagens para os trabalhadores. Por exemplo, a greve dos caminhos de ferro de Massachusetts de 1874 conquistou as 10 horas de trabalho.

Mas os trabalhadores que integravam o movimento operário norte-americano estavam conscientes de que sem uma organização que unisse os trabalhadores seria muito difícil conquistar direitos generalizados e básicos para a classe operária. Por isso nasceu em 1881 em Pittsburgh a Federação Norte Americana do Trabalho (AFL). No seu IV Congresso, em Chicago, a organização decidiu realizar uma grande greve geral que reivindicasse as 8 horas de trabalho, seguindo a tradição iniciada pela AIT. Reivindicação que contou também com o apoio de outras organizações como os *"Cavaleiros do Trabalho"* ou distintas federações e associações operárias norte-americanas.

Foi constituído um Comité pelas Oito Horas de Trabalho e a greve foi marcada para o Primeiro de Maio de 1886. A greve resultou num êxito muito grande para o sindicalismo norte-americano. A situação de miséria em que viviam os trabalhadores era reconhecida inclusivamente pelos próprios governos e o presidente Grover Cleveland disse: *"As condições actuais das relações entre o capital e o trabalho são, na verdade, muito pouco satisfatórias, e isto, em grande medida, pelas ávidas e impensadas imposições dos empregadores".* A convocatória da greve foi um êxito e houve mais de 5 mil greves convocadas. Em muitos lugares as oito horas de trabalho foram conquistadas (Chicago, Boston, Pittsburgh, Saint Louis, Washington, etc.) . Em muitos outros locais, ao nível de fábrica

ou sectorial.

Esta força do movimento operário, animado principalmente pelos anarquistas, pôs em alerta o patronato norte-americano que não tardou em reagir. Nas sucessivas manifestações posteriores ao Primeiro de Maio os patrões lançaram contra os grevistas fura-greves e amarelos, sobretudo contra os operários da fábrica McCormik. O pior aconteceu a 4 de Maio, em Haymarket Square quando explodiram várias bombas, numa altura em que estavam reunidas 15000 pessoas.

Morreram 38 operários, 115 ficaram feridos, um polícia morreu e 70 ficaram feitos. A imprensa, aliada aos patrões, não teve duvidas em apontar desde o primeiro momento os anarquistas como autores do atentado. As perseguições contra anarquistas iniciadas pelo comissário Michael Schaack não se fizeram esperar. Entre os presos e acusados de assassinato estavam os animadores mais entusiastas do movimento operário. Todos anarquistas. Os nomes de August Spies, Michael Schwab, Oscar Neebe, Adolf Fischer, Louis Lingg, George Engel, Samuel Fielden e Albert Parsons passaram a ser notícia de primeira página.

Todo o processo que se montou contra eles esteve cheio de irregularidades. O juiz Joseph E. Gary, um reaccionário confesso, escolheu os jurados de entre pessoas com influência claramente anti-socialista e anti-anarquista. Não se permitiu que houvesse jurados que pudessem ter simpatias pelas ideologias operárias. A sorte dos acusados estava ditada de antemão. A 11 de Novembro de 1887 era executada a sentença contra os condenados à morte. Spies, Parsons, Fischer e Engel foram enforcados. Lingg suicidou-se no dia anterior. Os outros acusados sofreram nas prisões durante vários anos. Para a memória ficaram os discursos que os acusados proferiram no tribunal. A defesa que fizeram da sua inocência e dos seus ideais. Foram executados por serem anarquistas e socialistas. A caminho do patíbulo continuaram a dar vivas à anarquia e à classe operária. Cantaram a Marselhesa, na altura o hino revolucionário por excelência.

A inocência dos acusados era manifesta. Estava-se no início da guerra suja contra o movimento operário. Alguns dos investigadores dos acontecimento de Chicago estavam ligados a organizações como a Agência de Detectives Pinkerton, que actuou como fura-greves e se infiltrou no movimento operário com o beneplácito dos patrões e do governo norte-americano.

Ainda assim para o movimento operário internacional a data do Primeiro de Maio converteu-se num dia de comemoração para recordar os "*Mártires de Chicago*" e para reivindicar a jornada de oito horas de trabalho. A segunda Internacional estabeleceu-o como dia internacional de luta e o movimento anarquista transformou-o numa das datas de reivindicação operária e de comemoração ao lado do 18 de Março (aniversário da Comuna de Paris) e o 11 de Novembro (execução dos Mártires de Chicago).

Ainda assim a nível internacional as diferenças sobre como actuar face ao Primeiro de Maio distanciou socialistas e anarquistas.

Enquanto os primeiros, cada vez mais integrados nas instituições, foram convertendo o Primeiro de Maio numa data quase festiva, com manifestações de força e entrega de reivindicações às autoridades, os anarquistas consideravam-no um dia de luta e com razões para que fosse convocada uma greve geral que pressionasse as autoridades a aprovarem a jornada das oito horas de trabalho.

Hoje, mais do que nunca, convém recordar as origens do Primeiro de Maio e como os direitos que hoje se perdem custaram esforço e vidas para serem obtidos.

Na actualidade, o seu exemplo é a nossa melhor lição.

(publicado em "CNT", nº 399, Abril/2013)*

Anarquista e anti-autoritário

Por um 1º de Maio de luta e solidariedade

Os últimos dados económicos, o chumbo pelo Tribunal Constitucional de alguns medidas que constavam do Orçamento de Estado e a sua substituição por cortes nos diversos sectores, mas sobretudo na Educação, Saúde e Apoios Sociais fazem prever um acentuar das dificuldades económicos dos mais pobres que, ao fim de muitos meses seguidos a apertarem os cintos e com cortes sucessivos nos seus rendimentos, se encontram totalmente debilitados economicamente e sem alternativas a não ser a de se manterem actuantes, organizados e firmes na resistência à ofensiva conjunta do Estado e do patronato.

A austeridade tem levado a um crescendo no desemprego e na precariedade que atinge já a generalidade dos trabalhadores portugueses . O desemprego real ultrapassa já os 20 por cento e o número de desempregados, sem qualquer apoio social, não pára de aumentar.

Enquanto este drama alastra a grandes sectores da sociedade portuguesa, os partidos políticos mantém-se entretidos com as eleições autárquicas, previstas para depois do Verão, divulgando candidatos e programas que são sempre mais do mesmo - uma perfeita inutilidade, na sua grande maioria, trocando as aspirações populares de bem estar e felicidade por lugares a troco de favores políticos, corrupção e nepotismo.

Se isso não bastasse, os partidos da esquerda do sistema, o PCP e BE e alguns sectores do PS parecem possuídos de uma maleita e a única solução que vêm para a "crise" é a demissão do governo e a convocação de eleições. Enredados nesta *jiga-joga* eleitoralista, num discurso bloqueado e sem saída, PCP, BE e alguns movimentos a eles ligados, como o *Que se Lixe a Troika*, fazem o jogo do PS que já se apressa para voltar ao poder - seja agora, ou em 2015, quando estão previstas as próximas eleições para o Parlamento.

Apesar do pouco peso eleitoral de que dispõem na sociedade, PCP e BE, mas sobretudo os comunistas , enredados num discurso patrioteiro e nacionalista, com poucas diferenças do discurso da extrema-direita quanto à defesa da "independência nacional", mantêm ainda zonas de influência importantes no movimento sindical, paralisando-o e esgotando a sua capacidade de luta em pequenos arremedos, como o são as manifestações constantes sem objectivo, só para mostrarem que estão "vivos", e as greves de um dia ou algumas horas, que apenas desgastam os trabalhadores e não lhes trazem qualquer tipo de vantagem.

Perante este cenário - e sendo o movimento libertário e anti-autoritário ainda minoritário em Portugal - urge concentrar esforços na criação de espaços onde a luta seja mais radicalizada, criativa e onde se possam obter ganhos visíveis: criar comités contra os despejos; avançar com ocupações seja de espaços colectivos ou individuais; incentivar greves selvagens e actos sucessivos de desobediência civil; etc..

Só ousando novas formas de luta e mostrando que através da acção directa, da autogestão das lutas e do apoio-mútuo é possível vencer, poderemos criar as condições para voltar a pôr o anarco-sindicalismo e a organização anarquista dos trabalhadores na ordem do dia.

Por um 1º de Maio libertário e emancipador!

Não às manifestações de faz de conta !

R.T.

Textos

Wilhelm Reich, hoje de alguma forma esquecido pelas novas gerações, foi um psiquiatra e psicanalista austríaco, nascido numa família abastada de proprietários judeus germanizados, especializado sobretudo em temas relacionados com a sexualidade . Em 1933 é forçado pelo nazismo a sair da Alemanha, mudando-se para Oslo, na Noruega, onde trabalhou no Instituto de Psicologia da universidade local. Ali vive até 1939, altura em que se muda para Nova Iorque. Publicou diversos livros defendendo a força libertadora do orgasmo e da sexualidade livre tendo sido investigado e preso pelas autoridades norte-americanos. Morreu na prisão em Novembro de 1957, 12 anos depois de ter escrito "Escuta Zé Ninguém" um verdadeiro manifesto libertário, num tempo dominado pelos totalitarismos de raiz capitalista ou marxista. A seguir ao 25 de Abril foram impressos várias centenas de exemplares deste livro pelo movimento anarquista em Portugal (na tipografia de "A Rabeca," em Portalegre, onde pontificava Nicolau Saião) e vendidos em bancas quase diárias nas universidades e na zona lisboeta do Rossio e Santa Apolónia.

Escuta Zé Ninguém

Wilhelm Reich

Chamam-te "Zé Ninguém!" "Homem Comum" e, ao que dizem, começou a tua era, a "Era do Homem Comum". Mas não és **tu** que o dizes, Zé Ninguém, são **eles**, os vice-presidentes das grandes nações, os importantes dirigentes do proletariado, os filhos da burguesia arrependidos, os homens de Estado e os filósofos. Dão-te o futuro, mas não te perguntam pelo passado.

Tu és herdeiro de um passado terrível. A tua herança queima-te as mãos, e sou eu que to digo. A verdade é que todo o médico, sapateiro, mecânico ou educador que queira trabalhar e ganhar o seu pão deve conhecer as suas limitações. Há algumas décadas, tu, Zé Ninguém, começaste a penetrar no governo da Terra. O futuro da raça humana depende, a partir de agora, da maneira como pensas e ages. Porém, nem os teus mestres nem os teus senhores te dizem como realmente pensas e és, ninguém ousa dirigir-te a única crítica que te podia tornar apto a ser inabalável senhor dos teus destinos.

És "livre" apenas num sentido: livre da educação que te permitiria conduzires a tua vida como te aprouvesse, acima da autocrítica.

Nunca te ouvi queixar: "Vocês promovem-me a futuro senhor de mim próprio e do meu mundo, mas não me dizem como fazê-lo e não me apontam erros no que penso e faço".

Deixas que os homens no poder o assumam em teu nome. Mas tu mesmo nada dizes. Conferes aos homens que detêm o poder, quando não o conferes a importantes mal intencionados, mais poder ainda para te representarem. E só demasiado tarde reconheces que te enganaram uma vez mais.

Mas eu entendo-te. Vezes sem conta te vi nu, psíquica e fisicamente nu, sem máscara, sem opção, sem voto, sem aquilo que faz de ti "membro do povo". Nu como um recém-nascido ou um general em cuecas. Ouvi então os teus prantos e lamúrias, ouvi-te os apelos e esperanças, os teus amores e desditas. Conheço-te e entendo-te. E vou dizer-te quem és, Zé Ninguém, porque acredito na grandeza do teu futuro, que sem dúvida te pertencerá. Por isso mesmo, antes de tudo o mais, olha para ti. Vê-te como realmente és.

Ouve o que nenhum dos teus chefes ou representantes se atreve a dizer-te:

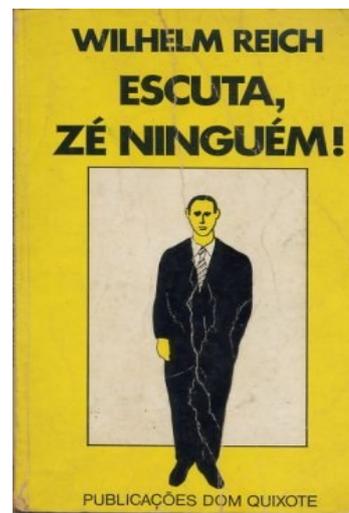
És o "homem médio", o "homem comum". Repara bem no significado destas palavras: "médio" e "comum".

Não fujas. Tem ânimo e contempla-te. "Que direito tem este tipo de dizer-me o que quer que seja?" Leio esta pergunta nos teus olhos-amedrontados. Ouço-a na sua impertinência, Zé Ninguém.

Tens medo de olhar para ti próprio, tens medo da crítica, tal como tens medo do poder que te prometem e que não saberias usar. Nem te atreves a pensar que poderias ser diferente: livre em vez de deprimido, directo em vez de cauteloso, amando às claras e não mais como um ladrão na noite. Tu mesmo te desprezas, Zé Ninguém,

Dizes: *"Quem sou eu para ter opinião própria, para decidir da minha própria vida e ter o mundo por meu?"* E tens razão: Quem és tu para reclamar direitos sobre a tua vida? Deixa-me dizer-te.

Diferes dos grandes homens que verdadeiramente o são apenas num ponto: todo o grande homem foi outrora um Zé Ninguém que desenvolveu apenas uma outra qualidade: a de reconhecer as áreas em que havia limitações e estreiteza no seu modo de pensar e agir.

Através de qualquer tarefa que o apaixonasse, aprendeu a sentir cada vez melhor aquilo em que a sua pequenez e mediocridade ameaçavam a sua felicidade. O grande homem é, pois, aquele que reconhece quando e em que é pequeno. O homem pequeno é aquele que não reconhece a sua pequenez e teme reconhecê-la; que procura mascarar a sua tacanhez e estreiteza de vistas com ilusões de força e grandeza, força e grandeza alheias. Que se orgulha dos seus grandes generais, mas não de si próprio. Que admira as ideias que não teve, mas nunca as que teve. Que acredita mais arraigadamente nas coisas que menos entende, e que não acredita no que quer que lhe pareça fácil de assimilar.

Comecemos pelo Zé Ninguém que habita em mim: Durante vinte e cinco anos tomei a defesa, em palavras e por escrito, do direito do homem comum à felicidade neste mundo; acusei-te pois da incapacidade de agarrar o que te pertence, de preservar o que conquistaste nas sangrentas barricadas de Paris e Viena, na luta pela Independência americana ou na revolução russa. Paris foi dar a Pétain e Laval, Viena a Hitler, a tua Rússia a Stalin, e a tua América bem poderia conduzir a um regime KKK – Ku-Klux-Klan.

Sabes melhor lutar pela tua liberdade que preservá-la para ti e para os outros. Isto eu sempre soube. O que não entendia, porém, era porque de cada vez que tentavas penosamente arrastar-te para fora de um lameiro acabavas por cair noutra ainda pior. Depois, pouco a pouco, às apalpadelas e olhando prudentemente em torno, entendi o que te escraviza: ÉS TU O TEU PRÓPRIO NEGREIRO. A verdade diz que mais ninguém senão tu é culpado da tua escravatura. Mais ninguém, sou eu que te digo!

Esta é nova, hein? Os teus libertadores garantem-te que os teus opressores se chamam Guilherme, Nicolau, papa Gregório XXVIII, Morgan, Krupp e Ford. E que os teus libertadores se chamam Mussolini, Napoleão, Hitler e Stalin.

Mas eu afirmo: **Só tu podes libertar-te.**

Sobre o totalitarismo soviético

Apenas guardaste no ouvido uma palavra: ditadura

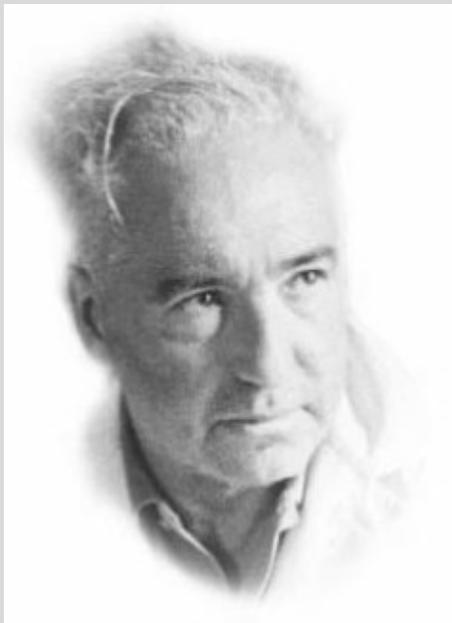
Sentes-te infeliz e medíocre, repulsivo, impotente, sem vida, vazio.

Não tens mulher e, se a tens, vais com ela para a cama só para provar que és "homem". Nem sabes o que é o amor. Tens prisão de ventre e tomas laxantes. Cheiras mal e a tua pele é pegajosa, desagradável. Não sabes envolver o teu filho nos braços, de modo que o tratas como um cachorro em quem se pode bater à vontade. A tua vida vai andando sob o signo da impotência, no que pensas, no teu trabalho. A tua mulher abandona-te porque és incapaz de lhe dar amor. Sofres de fobias, nervosismo, palpitações. O teu pensamento dispersa-se em ruminações sexuais.

Falam-te de economia sexual. Algo que te entende e poderia ajudar-te. Que te permitiria viveres à noite a tua sexualidade e que te deixaria livre durante o dia para pensar e trabalhar. Que te faria ter nos braços uma mulher sorridente em vez de desesperada, ver os teus filhos sãos em vez de pálidos, amorosos em vez de cruéis. Mas quando ouves falar de economia sexual dizes: "O sexo não é tudo. Há outras coisas importantes na vida". És assim, Zé Ninguém.

Ou suponhamos que és um "marxista", um "revolucionário profissional", um futuro "dirigente dos Proletários do Mundo". Dizes querer libertar as massas do seu sofrimento. As massas enganadas fogem-te desiludidas e tu gritas enquanto corres no seu encalço:

"Parai, massas proletárias! Sou o vosso libertador! Abaixo o capitalismo!" Enquanto eu falo às massas, pequeno-revolucionário, e lhes digo da miséria das suas pequenas vidas. Ouvem-me, com entusiasmo e esperança. Acorrem às tuas organizações onde esperam encontrar-me. É, então que dizes: "A sexualidade é uma invenção pequeno-burguesa. O que conta é o factor económico". E lês os livros de Van de Velde sobre técnicas sexuais.

Quando um grande homem dedicou a sua vida a tentar dar à tua emancipação económica uma base científica, deixaste-o morrer de fome. Mataste a primeira via

de verdade que surgiu no teu desvio das leis da vida. Quando a sua primeira tentativa foi bem sucedida, tomaste-lhe as rédeas da administração e cometeste segundo crime.

Da primeira vez, o grande homem dissolveu a organização.

Da segunda, estava já morto e nada podia contra ti.

Não entendeste que ele havia descoberto no teu trabalho o poder de vida que cria os valores. Não entendeste que a sua reflexão sociológica pretendias er a salvaguarda da tua sociedade contra o teu Estado. Não entendes nada! E mesmo com os teus factores económicos não vais longe.

Outro grande homem matou-se a trabalhar para provar-te que terás de melhorar as tuas condições económicas para que a tua vida tenha sentido e gosto; que indivíduos com fome jamais farão progredir a cultura; que todas as condições de vida terão de ter lugar aqui e agora, sem excepção, que terás de emancipar-te, tu e a tua sociedade, de todas as formas de tirania. Este outro grande homem apenas cometeu um erro ao tentar esclarecer-te: acreditou deveras na tua capacidade de emancipação. Acreditou que uma vez conquistada a tua liberdade serias capaz de a preservar. E cometeu ainda outro erro: consentir que tu, proletário, te tornasses "ditador".

E sabes o que tu fizeste, Zé Ninguém, do manancial de sabedoria e criação que te legou este homem? Apenas guardaste no ouvido uma palavra: ditadura. De tudo o que te doara um grande espírito e um grande coração apenas uma palavra restou: ditadura! Tudo o mais deitaste fora, a liberdade, a clareza e a verdade, a solução dos problemas da servidão económica, a metodologia da planificação do futuro - tudo pela borda fora! E apenas a escolha infeliz, embora bem intencionada, de só uma palavra, te caiu em graça: ditadura!

Sobre esta pequena negligência de um grande homem construíste todo um sistema gigantesco de mentiras, perseguição, tortura, deportações, enforcamentos, polícia secreta, espionagem e denúncia, uniformes, marechais e medalhas - enquanto deitavas fora tudo o mais. Começas a perceber como funcionas, Zé Ninguém? Ainda não?

Ora tentemos novamente: As "comdições económicas" do teu bem-estar na vida e no amor confundiste-as com "mecanização"; a emancipação dos homens, com "grandeza do Estado"; o levantamento das massas, com o desfilar da artilharia; a libertação do amor, com a violação de todas as mulheres a que pudeste deitar a mão ao chegar à Alemanha; a eliminação da pobreza, com a erradicação dos pobres, dos fracos e dos desadaptados; a assistência à infância, com a "formação de patriotas"; o controle da natalidade, com medalhas às "mães de dez filhos". Não tinhas já sofrido bastante, com esta tua ideia da "mãe de dez filhos"?

Mas também noutros países o infeliz vocábulo "ditadura" te ficou no ouvido. Aí, vestiste-o de uniformes resplandecentes e geraste no teu próprio seio o funcionariozinho místico, sádico e impotente que te levou ao Terceiro Reich e enterrou sessenta milhões da tua espécie enquanto ias gritando "Viva! Viva!".

Wilhelm Reich

Anarquismo & Organização

Vence o medo, já não estás só!

O medo é o motor e a arma com que te apontam durante toda a vida.

Medo a ser reprimido, medo de ir para a prisão, medo de perder o emprego, medo de infringir a lei, medo de ser castigado, medo de perder privilégios, medo de perder o status quo. O medo governa o teu dia-a-dia, sem descanso, sem feriados. O medo invade-te por todos os lados, paralisa-te, faz-te insignificante, inútil, condiciona-te a aceitar o teu destino sem protestares.

Mas o que é que acontece quando os que perdem a casa, o emprego, o seu status quo, também perdem o medo – o que é que mais se pode perder quando já se perdeu tudo?

A catarse de uma manifestação pode aliviar tensões, mas não elimina o medo. Devemos eliminar o medo das nossas vidas se queremos deixar de ser escravos. Hoje já admitimos que temos correntes em torno das nossas mãos e dos nossos pés, mas chegou o momento de enforcarmos os nossos amos e verdugos com as cadeias que nos têm escravizado desde há séculos.

O tempo é de acção e não de palavras, o tempo é de desobediência e não basta ocupar a ruas por umas horas, é tempo de tomar as ruas até que a voz do povo seja a que mais ordena. É tempo de instalar em cada cidade um acampamento onde os desempregados, os despejados, os que estão desesperados se juntem e deixem de reclamarem para começarem a decidir. Há casas vazias, há fábricas paradas, há governos fantasma, é hora de tomar o destino nas nossas mãos sem medo da prisão, nem da lei, nem das balas. Nós que não lutamos por nenhum governo, lutaremos para nos autogovernarmos, não morreremos por nenhuma bandeira ou líder, mas morreremos para salvar a casa dos nossos amigos, a dignidade dos nossos filhos, o bem-estar dos nossos pais e avós. Lutamos contra o medo, lutamos para sermos verdadeiramente livres, lutamos por um novo mundo que seja real, que seja um mundo cheio de dificuldades, mas um mundo também cheio de soluções, já que os grandes Messias são o sinal do fracasso do mundo actual.

Este novo mundo está em nós, nos ninguéns da história, nesses milhões de ninguéns que fazemos o mundo mover-se e, por isso, é já tempo de que eles, os que sempre têm estado a decidir por nós, comecem a ter medo.

Organiza-te, luta, resiste, mas acima de tudo deixa de ter medo. A partir de agora já não estás só.

SiSe

No rescaldo da Conferência Libertária Setúbal 2013

O Ateneu Setubalense foi o palco da Conferência Libertária realizada na capital sadina nos dias 6 e 7 de Abril. Esta Conferência realizou-se no seguimento de uma outra que tinha tido lugar no Porto em Outubro passado.

Embora bem publicitada faltou algum trabalho preparatório da Conferência pelo que a discussão existente no espaço reservado aos grupos e indivíduos anarquistas foi muito escassa e com poucos resultados.

Os grupos e indivíduos presentes cobriam apenas, sobretudo, a zona sul (Lisboa, Setúbal e Alentejo), o que também também impossibilitou que se tivesse uma visão geral do estado do movimento anarquista e anti-autoritária a nível nacional,.

Mais frutíferos foram os debates públicos em tornos de temas como os "Anarquistas e os Movimentos Sociais", as "colectividades anarquistas" de raíz rural (que foi tema de capa do último número da revista Alambique, de Castro Verde) ou o debate em torno do novo jornal MAPA, bimestral, que pretende dar uma informação não manipulada, alternativa aos media do sistema e actuante relativamente aos princípios anti-autoritários.

Continua a ser necessária a construção de um espaço de interligação entre as várias componentes do movimento anarquista e anti-autoritário em Portugal, que motive a entreajuda e o apoio mútuo. A meu ver, este espaço poderia residir numa rede mais ou menos informal, que reunisse organizações, espaços, grupos e indivíduos que se afirmam como libertários e que pudesse, em determinadas situações, programar acções comuns de nível nacional - campanhas de informação, de propaganda, de solidariedade, por exemplo.

Teria necessariamente que ser uma rede muito simples (talvez com uma comissão de relações rotativa), com um espaço de ligação e circulação da informação na Internet e com a realização de encontros regionais e nacionais regulares.

Esta rede poderia ser também importante para agregar ao movimento indivíduos dispersos pelo país, mobilizando-os para a organização de grupos ou actividades locais.

Outra das vantagens da rede seria a de constituir-se como memória do movimento libertário, podendo preparar conferências, exposições, debates, ciclos de cinema, etc., que se poderiam organizar em comum e depois fazer circular pelo país - numa evidente poupança de recursos e energias.

Dada a dispersão territorial dos grupos, a sua autonomia e o facto de haver também uma grande diversidade ideológica, embora sob a matriz libertária, talvez fosse bom que futuras iniciativas deste género tivessem uma preparação mais empenhada e estruturada, fazendo com que as temáticas em debate fossem previamente estabelecidas e discutidas nos grupos e só depois debatidas em plenário.

Se houvesse este trabalho prévio, de envolvimento dos grupos e indivíduos, convidando todos a participarem e integrando-os na discussão, talvez os resultados fossem mais positivos e deste tipo de Conferências (que têm sido usuais ao longo dos anos) saíssem decisões e resultados mais frutíferos.

e.m.

Memória Libertária

Emídio Santana

Emídio Santana foi uma das figuras de referência do anarquismo em Portugal durante todo o século XX e um dos elementos de ligação entre o anarco-sindicalismo do princípio do século e os novos movimentos libertários que apareceram no pós 25 de Abril, muito influenciados pelo Maio francês de 1968.

Emídio Santana nasceu a 4 de Julho de 1906 e nesse mesmo dia, trinta e um anos depois, foi um dos autores do único atentado que visou Salazar, tendo o ditador saído ileso, apenas devido a um erro de posicionamento da bomba (colocada num local da rua Barbosa do Bocage, em Lisboa. onde Salazar costumava passar diariamente), que desviou a onda de choque e não surtiu o efeito desejado.

Muitos militantes anarquistas foram presos nos dias que se seguiram ao atentado, mas Emídio Santana só será detido alguns meses depois, em Outubro, em Inglaterra, sendo entregue às autoridades portuguesas. Passa 16 anos na prisão.

Também nesse ano de 1937, com a guerra civil em Espanha já a decorrer, os anarquistas portugueses efectuam uma série de atentados contra diversos alvos, nomeadamente contra o Rádio Clube, uma estação de rádio que fazia abertamente propaganda à sublevação fascista.

Mas a militância de Emídio Santana começara logo aos 15 anos como aprendiz de carpinteiro de moldes, filiado no Sindicato dos Metalúrgicos da CGT e secretário das Juventudes Sindicalistas.

Em Dezembro de 1931 aparece como director do boletim *"Solidariedade Mineira e Metalúrgica"*, porta-voz dos Sindicatos Mineiros e Metalúrgicos.

N.º 1 ANO I — LISBOA — DEZEMBRO 1931

SOLIDARIEDADE MINEIRA E METALURGICA

PORTA-VOZ DOS SINDICATOS MINEIROS E METALURGICOS

Assinatura anual .... 3$50
Numero avulso $30
Propriedade e Direcção do SECRETARIADO MINEIRO E METALURGICO

LISBOA
COOP. CASA DOS GRAFICOS
Travessa da Agua de Flôr, 35
1931

Editor: EMIDIO SANTANA
Redacção e Administração:
R. DA ESPERANÇA, 122, 2.º
LISBOA

EDITORIAL

A hora que passa

NESTA hora de desalento, quando a firmesa está abalada, e a confusão nos lugares proletários resulta das inquietações da hora presente, arremessando a maior parte ao acaso, lançando-se na procura do inédito ou no desespero impotente, «Solidariedade» surge serena e confiante da sua missão.

Atravessou esse mar agitado das paixões sectarias, dominou o exacerbamento de muitas dificuldades, e chegou hoje á primeira consagração, a idea duma organização solidaria dos mineiros e metalurgicos, com a publicação do seu orgão comum. Não sendo uma obra acabada, é a certeza dessa obra, é a convicção da força, e da inteligencia que a realizará. E, para nós proprios, trabalhadores organizados nas minas e nas fabricas, a saida do nosso jornal demonstra-nos que fomos capazes de pôrmos as nossas vistas numa idea util e fecunda — a nossa Federação — e serenos, confiantes que a nossa solidariedade é indestrutivel, prosseguimos a procurar uma base concreta das nossas necessidades e das nossas aspirações, de modo que satisfizesse as inquietações da hora que passa.

Fizemos renascer as nossas energias, conferimos ás nossas organizações sindicais as atenções e as aptidões dos trabalhadores, e só ai os educaremos na sua combatividade e ai lhes poremos os seus problemas e dai faremos depender a sua solução. «Solidariedade», sendo o porta-voz dos Sindicatos Mineiros e Metalurgicos, sendo a idea viva, latente e crispada que a todos os momentos, latejante, ha-de imprimir vida, orientação, estimulo e confiança no largo caminho que há a percorrer.

Expandem-se as vozes discordantes de sitios estranhos, dos cenáculos politicos que não nos interessam, mas a idea singra, firme e disposta a triunfar. O Congresso dos Operarios das Industrias Mineira e Metalurgica há-de realizar-se, porque o desejam os sindicatos mineiros e metalurgicos, e porque, êste jornal surge já a antecedê-lo, a dar-lhe a certeza de que é viva e constante a energia que nele se concentra. Entre ambas as classes ha inumeros problemas a solucionar, é miseravel a situação economica que atravessam, e contudo, não desesperâmos, porque o desespero é o estado dos fracos e dos inconstantes. Lançamo-nos ao trabalho, ás tarefas que nos impõe a hora presente, e essas não as relegaremos. A identidade de aspirações dos operarios mineiros e metalurgicos, e as afinidades industriais que engendrou a nossa futura Federação Mineira e Metalurgica, conduzi-los-á pelo caminho das suas lutas, da sua organização na conquista das suas reivindicações, irmanados na idea solidaria que só eles, organizados, serão os construtores da sua propria emancipação, e a sua consigna será a de que todos os mineiros e metalurgicos se unam. «Solidariedade» será o labaro constante e animador dessa união dos trabalhadores.

Seria horrivel que, após o quietismo contemplativo que dominou os sectores proletarios, surgisse apenas o desespero, insatisfação como dinâmo das lutas proletarias, e que não surgisse um renascimento combativo capaz de assegurar as nossas conquistas. Mas não!

Vimos já surgirem da sua inanição muitos dos sindicatos mineiros e metalurgicos, entrarem na nossa orbita de acção, e estenderem assim a organização dos mineiros e dos metalurgicos. De norte a sul, os metalurgicos e os mineiros estão conjugados para lutarem por objetivos comuns, e a sua Federação será expressa pela harmonia dos seus filiados.

A situação economica dos trabalhadores contrasta com todas as condições sociais e morais da sua existencia, o proletariado exige que sejam remodeladas as suas condições de vida, e, quer seja nesta ou noutra emergencia politica, «Solidariedade» sustentará o espirito que vivificará as lutas da hora presente. Lutas intensas, profundamente transformadoras das condições sociais, sim, porque são as da hora que passa, e «Solidariedade» marcá-las-há pela sua propria existencia.

Emídio Santana discursando na manifestação anarquista do 1º de maio de 1975, na Praça da Figueira, em Lisboa. (AHS). Foto de Carlos Vidigal.

As prisões sucedem-se já na altura. Emídio Santana conhece a sua primeira prisão, de sete meses, logo em 1928, com a ilegalização da CGT na sequência das revoltas de 1927. Sucedem-se os ataques a instalações e jornais operários.

Pouco depois da constituição da Federação Anarquista da Região Portuguesa, Santana é de novo preso e deportado para os Açores, de Fevereiro de 1932 a Agosto de 1934.

Em 1936, um ano antes do atentado a Salazar, vai a Espanha, onde participa, em representação da CGT, no Congresso da CNT.

Depois de sair da prisão, Emídio Santana continuou a ser um elemento activo e agregador do que restava do movimento anarquista e anarco-sindicalista, muito debilitado devido à repressão que se abateu sobre ele, especialmente nos primeiros anos da ditadura. Esteve ligado aos grupos que durante o fascismo mantiveram tipografias clandestinas onde era impresso material anarquista (nomeadamente edições clandestinas da Batalha) e teve um papel fundamental na reedição de obras e textos operários da I República (sobretudo devido à sua forte ligação com o historiador César de Oliveira), textos esses que influenciaram fortemente muitos jovens que desconheciam esse período da história – totalmente proscrito do ensino oficial. Manteve também contactos importantes com outros sectores da oposição ao Estado Novo, tendo participado, enquanto anarquista, em diversas iniciativas oposicionistas.

rt du Bourget devant le « Douglas DC 3 »;
llon suisse de l'Exposition.

L'attentat contre le Dr Oliveira Salazar, chef du gouvernement portugais. — La police garde et le public contemple l'immense trou béant occasionné par l'explosion.

Depois do 25 de Abril, com a ajuda e o esforço do pequeno grupo de anarquistas que se tinha mantido coeso durante os últimos anos do fascismo, Emídio Santana foi um dos principais impulsionadores da reedição de *"A Batalha"*, enquanto jornal sindicalista revolucionário e anarco-sindicalista e da criação quer da Cooperativa Editora da Batalha, quer da Aliança Libertária e Anarco-Sindicalista, quer do Centro de Estudos Libertários.

Nos primeiros anos depois do 25 de Abril, Emídio Santana foi também dos rostos mais conhecidos do anarquismo em Portugal, tendo usado da palavra em diversos comícios realizados em várias zonas do país.

Morreu em 1988, sem nunca ter deixado a militância anarco-sindicalista de que foi um dos grande paladinos durante quase todo o século XX, tendo passado cerca de 20 anos na prisão por coerência com os seus ideais.

CJ (com: http://www.esquerda.net/content/um-militante-corajoso e http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/)

A Fechar

Em tempo de crise

Hortas urbanas são alternativa para muitas famílias

A ideia da criação das hortas urbanas não é nova. Em muitas cidades da Europa é uma prática que já se mantém há longos anos e, mesmo no Alentejo, o hábito das pequenas hortas no tecido urbano nunca se perdeu, ou mantendo hortas antigas em funcionamento ou aproveitando terrenos sem ocupação, no espaço urbano, como aconteceu logo a seguir ao 25 de Abril junto ao Hospital de Beja. Já nesses tempos recuados, o arquitecto Gonçalo Ribeiro Teles, na sua vertente ecológica e paisagística, defendia a criação de hortas urbanas nas grandes e médias cidades.

Vários anos passados, este movimento tem crescido muito por todo o país e também em Évora. Umas vezes por iniciativa popular, outras por pressão dos munícipes junto das Câmaras e Juntas de Freguesia.

Em Évora depois de terem sido criados os primeiros 69 talhões, há um ano, junto do Aqueduto, foram agora entregues mais 138 numa nova zona de hortas, junto ao Forte de Santo António, na periferia da cidade.

Está prevista a criação de novos espaços dedicados às hortas urbanas, um pouco por toda a cidade, embora o acesso a água sem custos para os utilizadores esteja a condicionar alguns dos projectos.

Novos e menos novos hortelãos consideram que esta é uma actividade que traz grandes vantagens, desde o ponto de vista ambiental, até ao económico.

"Vamos menos vezes ao supermercado comprar verduras e sabemos o que estamos a comer", acentua um entusiasta do processo.

Apesar do ano ter estado chuvoso e de só agora começar verdadeiramente o trabalho nas hortas, há também quem destaque a "actividade física que ele proporciona e o contacto com a natureza".

"Isto é fantástico. Às vezes vêm aí os miúdos das escolas e ficam encantados com isto", diz o mesmo interlocutor, frisando, no entanto, alguns aspectos negativos.

"Há pessoas que vão para ali e defendem o seu bocado de terra como fosse algo de muito valioso. Têm um sentido de posse e de individualismo muito grande, o que é mau. Outros não: partilham o que sabem e o que têm, por todos, e cria-se uma grande camaradagem, sendo mais fácil aprendermos uns com os outros".

Este sentido comunitário pode e deve ser desenvolvido, bem como o uso de técnicas não agressivas do meio ambiente, como seja, a redução no uso de fertilizantes e pesticidas químicos e a procura de sementes diversificadas, enriquecendo e desenvolvendo outras variedades que não apenas aquelas que, mais rentáveis, a economia de mercado, ávida de lucro, promove.

Numa altura de crise económica, com muito desemprego, a possibilidade de se produzirem bens alimentares para autoconsumo não é também insignificante para muitos agregados familiares a quem, tantas vezes, falta o pão.

Para além destas hortas, postas à disposição dos interessados pelos poderes públicos, seria útil também a ocupação produtiva dos inúmeros espaços vazios das cidades, nomeadamente baldios, de forma cooperativa e, aí sim, comunitária.

Este é um processo que, no entanto, está em desenvolvimento e cada vez com mais capacidade de atracção para jovens e menos jovens, tal como o sistema de trocas, os espaços de entreajuda ou os muitos grupos, de todo o género, que caminham para um funcionamento em rede.

Muitas vezes estas iniciativas destinam-se a "humanizar" os aspectos mais negativos do capitalismo, mas noutros casos podem ser o gérmen de novas formas de relacionamento e de produção e passos importantes na construção de uma sociedade menos egoísta e mais solidária.

a.

"Uma cidade sem muros nem ameias"

Comemorar o 25 de Abril em nome da Utopia

Para a geração que viveu o 25 de Abril, o golpe militar que pôr fim a 48 anos de fascismo foi, independentemente das ideologias individuais, um abrir de portas e janelas, um entrar de ar e liberdade na sociedade portuguesa que, hoje, os mais novos têm dificuldade em imaginar.

O 25 de Abril de 1974 não resolveu muitos problemas, tais como a posse dos meios de produção por parte de uma minoria que continua a explorar a grande maioria; o militarismo e o autoritarismo muito presentes na sociedade portuguesa; o papel do Estado ou a necessidade de uma profunda revolução na estrutura administrativa do país, nem isso fazia parte do seu programa.

No entanto, trouxe algumas transformações bastante relevantes, que, em muitos aspectos, mudaram profundamente o país e as mentalidades. O fim da guerra colonial; a liberdade de associação e expressão (com os limites conhecidos, é verdade); uma maior regulação, controlo e denúncia das arbitrariedades e violência policial; a garantia de direitos sociais, sindicais e políticos, etc., foram algo de adquirido com o 25 de Abril e com as movimentações que se lhe seguiram e que não podem ser esquecidos.

Hoje, num momento em que o capital e o Estado juntam forças para cortarem direitos e regalias à generalidade dos trabalhadores e da sociedade, a força criativa que irrompeu no pós-25 de Abril deve ser tomada como exemplo e, nalguns casos, como bandeira para erguer de novo. É o caso, por exemplo, da autogestão que esteve sempre presente a seguir ao 25 de Abril de 1974, seja por fuga dos proprietários das fábricas, seja por ocupação dos trabalhadores. Importante foi também a ocupação de casas e de bairros inteiros por pessoas que viviam em barracas ou que, simplesmente, não tinham um tecto para se abrigarem.

Comemorar o 25 de Abril é trazer para os dias de hoje o sonho colectivo da transformação da sociedade, que nos foi roubado muito cedo, e a utopia de um mundo sem senhores nem escravos, sem ricos nem pobres, sem explorados nem exploradores. Um sonho difícil de concretizar, mas como dizia o anarquista Gustave Landauer (1870-1919) *"os homens crêem que chegará um dia em que serão livres e iguais, quando tiverem destruído os obstáculos que os impedem de o ser, sem se darem conta de que só o são enquanto lutam para o conseguir".*

e.m.